

# Coração de funaná

Ainda muito jovem, aos 14 anos, Chando Graciosa deixou Tarrafal de Santiago, terra dos seus pais, com destino à Praia, onde projectava dar asas ao seu sonho de ser cantor. Integrado no lendário conjunto Abel Djassi, o rapaz de voz firme liderou um segundo movimento de estilização do funaná, depois de Catchás. Uma missão tão fortemente enraizada no seu coração de *badiu-di-fora* que, mesmo após a extinção do Abel Djassi, procurou cumpri-la ao participar activamente na criação de dois outros grupos - Petural e Ferro-Gaita - e depois numa carreira a solo. É a este percurso que o Instituto de Promoção Cultural (IPC) quer prestar homenagem amanhã, 21, numa cerimónia pública no Palácio da Cultura.

Chando Graciosa nasceu a 17 de Agosto de 1965, em São Tomé, de pais cabo-verdianos que tinham emigrado para fugir à fome de 1947 que, na altura, assolava o nosso país. Com apenas alguns meses de idade regressa a Cabo Verde na companhia dos pais, fixando residência na vila do Tarrafal, ilha de Santiago. Assim, o funaná e o batuco temperam a vida de Chando Graciosa desde pequeno,

quando brincava ao som das melodias da gaita, do som do ferrinho e da voz harmoniosa das cantadeiras de finaçon. *"Eu não tinha nenhum músico na minha família, mas gostava tanto de música que fugia de casa para ir ver e ouvir os tocadores de gaita"*, lembra Chando Graciosa.

Em casa *"ensaiava"* em latas, malas e outros objectos de onde conseguia tirar sons inimagináveis para os pais. Até que um dia, ainda adolescente, é convidado a integrar o conjunto tarrafalense Pano Bitchu. Um convite que mudaria para sempre a sua vida. Pano Bitchu era o grupo que animava os intervalos dos grandes conjuntos que iam tocar na vila do Tarrafal. *"Numa das vezes que o Abel Djassi foi lá tocar, ouviram-me cantar e os então secretários da JAAC-CV, Filipe de Carvalho e Felisberto Vieira, propuseram-me com apenas 14 anos, integrar a banda"*, conta Graciosa. Mas o caminho para a Praia mostrava-se difícil. E só após muita insistência dos dirigentes da organização juvenil junto dos pais conseguiu autorização para mudar-se para a Capital.

Helder Gonçalves, que entrou para o Abel Djassi cinco anos depois de Chando Graciosa, hoje lembra como ficou então *"surpreendido ao ver aquele rapazinho do Tarrafal a interpretar composições da sua própria autoria"*. Mas Chando Graciosa não despertava apenas a admiração dos mais jovens da banda. Antero Veiga, ex-baixista do Abel Djassi que acolheu a entrada de Chando Graciosa no conjunto, relata que ele cativou logo o grupo, *"pela sua voz com personalidade acentuada em matéria de funaná"*. Ou seja, continua Veiga, *"se Ildo Lobo tinha uma voz com personalidade de morna, por analogia Chando Graciosa tem uma voz com personalidade de funaná"*.

O jovem de Tarrafal era, entretanto, mais do que um simples intérprete, como viria a comprovar-se com o lançamento do único LP do Abel Djassi, em 1990, intitulado *"Cabeça em Movimento"*.

No Abel Djassi, Chando Graciosa revolucionou a proposta de interpretação do funaná que só viria a ser usada cerca de 15 anos depois. Com a

extinção do Abel Djassi, em 1991, Chando Graciosa diz ter-se sentido perdido porque *"vivía da música. O Abel Djassi fazia espectáculos em todos os cantos do país, de modo que não tínhamos tempo para mais nada"*.

O cantor decide então emigrar para o Senegal, onde trabalhou durante dois anos. Mas mal o volta à terra-mãe, a febre do funaná queima de novo e leva-o a fundar com Eduíno e Feliciano o grupo Ferro-Gaita. Desentendimentos com Eduíno ditaram a sua saída do grupo, ainda na fase inicial. Desejoso de soltar o funaná que lhe oprimia o coração, cria um outro grupo - o Petural -, em que, acompanhado por Totinho (tumba), Helder Gonçalves (baixo) e Bitori Nha Bibinha (gaita), canta e toca o *"ferrinho"*. *"Fomos convidados por Carlos Santos para gravar um disco, mas antes fomos a Portugal, para participar num festival na Figueira da Foz. Dali parti para a Holanda, onde moro até hoje"*.

Nesse país europeu, Chando Graciosa grava o seu primeiro disco - *"Nácia Gomi"* -, em 1997. O disco é bem acolhido mas, em vez de partir para mais um CD a solo, Chando Graciosa opta por embarcar num projecto de reconhecimento dos seus mestres. Assim grava um disco com Bitori Nha Bibinha, cujo grande êxito foi *"Dor na costa"*, e outro com Tchota Suari, intitulado *"Valor sem favor"*, CD onde se destacam temas como *"Mosca Bitchu"* e *"Baca Brabu"*.

O regresso à carreira a solo dá-se com *"Si-mentera"* e *"Dor di mundo"*, o qual foi lançado este ano, com orquestração de Carlos Matos, especialista em jazz e world music. Este conjunto de álbuns de Chando Graciosa permite a Antero Veiga anunciar que *"ele tem uma linha em termos de letras que é genuína de Santiago, muito dentro do funaná. Quem escuta as suas composições constata que as expressões que ele utiliza são típicas do interior de Santiago, não é um cidadão a escrever funaná, é um homem do interior a desnudar sua alma"*. O ex-Abel Djassi Helder Gonçalves vai mais longe e afirma que *"além de retratar a filosofia de vida do campo, Chando Graciosa recorre a uma linguagem abstracta, surrealista até. É o caso do "ratadjo na corpu", intraduzível, único"*.

Mas nestes quase 20 anos de carreira, nem tudo foi um mar de rosas. De coração aberto, Chando Graciosa confessa que se deixou levar pelo vício do álcool, o que lhe causou *"muitos transtornos na vida, quase perdido"*. Felizmente, afirma Antero Veiga, *"ele conseguiu tomar consciência de que esse caminho não levava a lado nenhum e conseguiu afirmar o seu estilo"*. É essa experiência de vida que Chando Graciosa quer partilhar no projecto musical *"Chando Graciosa 50+"*, que será gravado com o grupo CGCM-B, também radicado na Holanda. *"O disco, que tem uma forte aposta na palavra, no funaná e batuco estilizados, é o meu testemunho. Quero partilhar a minha história para que outros não cometam os mesmos erros"*.

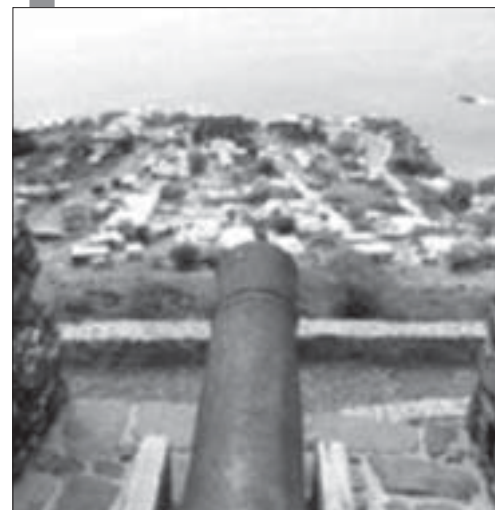
Teresa Sofia Fortes







## CAPELA DO PICO VERMELHO EM LIVRO



Recuemos cinco séculos. Estamos na Ribeira Grande de Santiago, o centro do recém-nascido mundo cabo-verdiano. O morgado da região morreu e não deixou descendência. Sem filho varão para tomar conta dos bens do morgadio, este delibera, por testamento, a criação de uma instituição que vai gerir as terras - a Capela de Pico Vermelho.

Do século XVI demos agora um salto até 1755. Enquanto a capital do império está prestes a cair por terra, na Ribeira Grande a Capela do Pico Vermelho conhece um novo administrador. Este funcionário recém-chegado faz um inventário de todos os bens existentes no morgadio, apostando na descrição detalhada dos terrenos. Redige então o resultado desse levantamento e junta-lhe a transcrição do testamento do morgado morto há duzentos anos atrás. Sem imaginar o destino desse inventário, prossegue a sua labuta.

Toda esta viagem no tempo foi feita por João Lopes Filho. O investigador regastou os documentos de 1755 relativos à Capela do Pico Vermelho de Ribeira Grande, da biblioteca do seu pai, o claríssimo João Lopes e estudou-os sob uma perspectiva histórica, económica e social. O estudo que desenvolveu será agora lançado num livro editado pelo Centro Cultural Português.

O "A Capela do Pico Vermelho" traça a evolução desta instituição que o morgado do século XVI criou para administrar o morgadio de Pico Vermelho. O estudo abarca o período que vai de meados do século XVI até à segunda metade do século XVIII e demonstra as relações económicas entre as várias famílias da Ribeira Grande, as relações de força e as lutas pelo poder em que incorriam.

Para reconstruir este quadro, o autor fez um levantamento de todos os nomes descritos no documento redigido em 1755 pelo administrador da Capela. O que o faz concluir que "toda a elite da Ribeira Grande está exposta neste trabalho". Uma elite que se dividia, como conta, nos "reinóis, portugueses vindos do reino, e nos 'brancos da terra', filhos dos reinóis com gente da terra".

Para além do estudo, exposto em 177 páginas, a obra inclui também em anexo o fac-símile de várias passagens do documento que serviu de base à investigação.

Esta "radiografia da época", como lhe chama o seu autor, será editada pelo Centro Cultural Português na primeira semana de Junho, na Praia. Segundo João Neves, adido cultural do CCP, este trabalho "ajudará a preencher uma lacuna existente na historiografia cabo-verdiana, que é a falta de estudos sobre aspectos específicos da história do país". A obra terá uma tiragem de mil exemplares e será vendida ao público a "preço de custo", assegura.

PMC

# Lygia, nho Roque e o prémio Camões

Literatura

Já contei a história a algumas pessoas, porque verdadeira. E agora que Lygia Fagundes Telles ganhou merecidamente o prémio Camões, ainda que de fora tenham ficado, uma vez mais, escritores de Cabo Verde, a conto também para os leitores desta crónica.

Estávamos em São Vicente, no início dos anos de 1980. Na altura eu dava os meus primeiros passos no mundo da escrita, e por via de um programa radiofónico - Espaço Jovem - que eu e um grupo de rapazes do liceu (Ludgero Lima) animávamos na *Rádio Voz di São Vicente*, passei a privar com este grande vulto das letras cabo-verdianas, que é António Aurélio Gonçalves. A sugestão partira, na verdade, de Francisco Tomar. Director da rádio, diante da proposta daquele grupo recém-saído da adolescência que queria fazer um programa, Chico Tomar aceitou com esta condição: "Vocês são novos, provavelmente têm problemas com a escrita, o que é normal, sugiro que contactem o nho Roque para vos fazer a revisão dos textos. Infelizmente, devido aos meus afazeres, não tenho tempo para isso".

Aceitámos. Receosos e tímidos, mas grande era a nossa fé no projecto, lá fomos ter com aquele monstro das letras cabo-verdianas, cujas obras tínhamos lido no liceu, mas perto de quem nenhum de nós se atrevia a chegar. Encontrámo-lo sentado na sua cadeira de lona, à soleira de casa, na *Morada*, onde é hoje Rua António Aurélio Gonçalves, ao tempo já Rua de nho Roque, por decreto do povo. E, longe de nos mandar passear, nho Roque, como era carinhosamente tratado por todos nós em São Vicente, adoptou-nos na hora e tornámo-nos a partir de então nos "meninos de nho Roque". Na verdade, do grupo,

eu é que consegui estabelecer com ele uma relação mais estreita, daí o convívio entre nós do qual resultou esta... e outras histórias.

Tempos depois, em Lisboa, a Associação Portuguesa de Escritores decidiu organizar o primeiro congresso de escritores de língua portuguesa, o primeiro evento, se não me engano, a reunir intelectuais de todos os países lusófonos, daí o impacto que o encontro acabou por ter na época. De Cabo Verde foi António Aurélio Gonçalves, não só porque era o que estava mais à mão, como era também, da velha guarda, o que continuava no activo. Mas o mais importante de tudo é que Cabo Verde estava muito bem representado. Na volta, dias depois, cruzámo-nos na rua e lá lhe puxei pelas novidades, que ele começou a relatar com sereno entusiasmo. E, a páginas tantas, confundiu-me:

- Nesse encontro estava uma brasileira, chamada Lygia Fagundes Telles, muito simpática, que se engraçou comigo, mas, como li há tempos um livro dela de que não gostei, não liguei para ela.

- Ah, mas o senhor fez muito mal - respondi-lhe quase espontaneamente. - A Lygia Fagundes Telles é uma grande escritora!

António Aurélio Gonçalves, em cima dos seus oitenta anos, não escondeu o seu espanto diante do que julgava ser, suponho, o atrevimento deste jovem que hoje vos escreve. Um garoto de pouco mais de 20 anos a dizer-lhe, a ele, autor de *Enterro de nha Candinha Sena*, *Noite de Vento*, *Virgens Loucas* e outras preciosidades da nossa literatura, leitor sabia lá eu de quantos clássicos, que Lygia Fagundes Telles, que ele desconsiderava, era uma grande escritora. E, por isso, fixou os olhos em mim e perguntou:

- Você tem a certeza do que está a dizer?

- Sim, tenho - respondi, com uma calma que ainda hoje me surpreende, mas também com um certo receio interior, porque isto de contrariar os mais velhos tinha, naquele tempo, muito que se lhe dissesse. - Eu não sei que livro é esse que o senhor leu, mas os livros dela que já li são todos bons. - E dito mais este "dislate" fiquei à espera de ser fulminado.

- E você poderia emprestar-me esses livros?

- Claro que sim - respondi, aliviado.

E lá combinámos como fazer. Nesse dia, mal cheguei a casa, recolhi o que tinha de Lygia Fagundes Telles e levei ao nho Roque. Passados uns dias, voltámo-nos a cruzar. Desta vez foi ele a meter conversa:

- Afinal você tinha razão. A Lygia Fagundes Telles é realmente uma grande escritora. Se eu tivesse lido os livros dela que você me emprestou, eu teria dado mais atenção à senhora, em Lisboa. Que arrependimento o meu.

Agora que Lygia Fagundes Telles venceu o prémio Camões me veio à mente este pequeno episódio com António Aurélio Gonçalves. E o que mais me toca ainda hoje nesta história não é o facto de eu, em cima do meu atrevimento, ter contrariado a opinião feita daquele que ainda hoje é visto como um mestre de várias gerações de escritores cabo-verdianos. O que mais me toca foi a humildade dele, reconhecer que estava errado diante de um jovem, e por via desse mesmo jovem ter recorrido aos livros dele para reformular o seu juízo de valor sobre esse grande vulto das letras brasileiras, que é Lygia Fagundes Telles.

JOSÉ VICENTE LOPES



## KRIOLIDADI

# Agenda Cultural



O Centro Cultural do Mindelo acolhe desde ontem uma exposição de serigrafia, litografia e gravura. Promovida pelo Instituto Camões e Centro Português de Serigrafia, esta amostragem reúne as melhores serigrafias produzidas nos últimos 20 anos em Portugal e um pequeno núcleo de artistas africanos, entre eles Tchalé Figueira representado pela imagem que ilustra esta peça.



Suzanna Lubrano fará ecoar a sua voz hoje, na sala Atlantis, em Paris. O mega-concerto, que é promovido por Ronald Rubinel, director artístico do último disco de Lubrano, apresentará ainda as divas do zouk Shydeeh, Christiane Valejo, Lynnsa e Leia Chicot.



O grupo Dangerous dança amanhã, 21, a partir das 21 horas, no Centro Cultural do Mindelo, e evoluirá à volta da dança tradicional e internacional.

Celebra-se a 25 de Maio é o Dia de África. Assim, o Núcleo de Estudantes Africanos da FCT, da Universidade Nova de Lisboa faz acontecer uma Semana Africana. O Programa que arrancou ontem, 19, vai até o dia 25, quarta-feira. Dança, música, artes plásticas, gastronomia, cinema e documentário, fazem a festa nesta semana que arrancou ontem, e culmina no dia dedicado à Mãe África.



Nha Kappa, Kisó, Dany Mariano, Nilza, Constantino, Hernâni, Jennifer, Swagato, Black Stone, Mike Lima, Mamadou, Nana, Chico Serra, Vlú, Tey Santos, Diva, Djoya e Vlú são os artistas que actuam no próximo dia 27, sexta-feira, num mega-concerto que terá lugar no Éden Park, às 21h30. Uma festa da música organizada pela Adeco que quer desta forma cativar mais sócios.



Próximo domingo, 22, o auditório do Centro Cultural do Mindelo, é tomado de assalto por "Pequenos Cantores" e "Pequenos Dançarinos". Este concurso infantil é promovido pela delegação sanvicentina do Ministério da Educação.

A música da Real Companhia vai soar às 18h30 de segunda-feira, no Centro Cultural Português. Este grupo luso vem à Praia apresentar a sonoridade tradicional portuguesa. Numa inversão de sons, o CCP apresenta também, na quinta-feira, e à mesma hora, um espectáculo do grupo de dança Filhos d'África. Desta forma, crianças entre os 12 e 14 anos vão-se tornar dançarinos, ao som da música de Pantera, Zeca di Nha Reinalda, Gil Semedo e Beto Dias. Os Filhos d'África pertencem à Associação Juvenil Black Panthers. Com este espectáculo, o CCP quer dar visibilidade a acção cultural destes jovens do bairro da Varzea, didade da Praia ao mesmo tempo que presta o seu tributo África, um dia depois da data dedicada ao continente negro.





# Best of Cabo Verde show

Com o selo da Manny Rodrigues Productions (MR Productions), está no mercado desde ontem, 19, o Best of Cabo Verde Show. É uma colecção com três CDs desse emblemático conjunto cabo-verdiano que, com quase 30 anos de carreira, viveu o seu período áureo nos anos 80 graças a êxitos como "Maria Lopes Felicidade", "Casa ma um creola" ou "Coladance".

O Best of Cabo Verde Show inclui 22 temas, a partir de uma selecção feita pelos próprios elementos do grupo, retirados dos 10 discos gravados desde 1977, ano em que Boy Gé Mendes, seu irmão Jean Claude Mendes, Luís Silva e Emmanuel (Manu) Lima fundaram a banda em Dacar, Senegal.

De acordo com Manny Rodrigues, que, como distribuidor dos trabalhos discográficos do Cabo Verde Show nos Estados Unidos propôs ao grupo a edição de um best of, "a co-

lectânea está a fazer grande sucesso entre os cabo-verdianos nos Estados Unidos, que sempre apreciaram bastante a música dos Cabo Verde Show. Espero que o sucesso se repita aqui em Cabo Verde também".

Ousando mesclar géneros como o jazz, blues e rock com a morna, coladeira e funaná, o conjunto Cabo Verde Show foi pioneiro no movimento de globalização da música cabo-verdiana. Um "atreuimento" que não foi bem aceite por todos. Em entrevista publicada no jornal A Semana de 31 de Agosto de 2001, Manu Lima, vocalista, teclista e mentor do grupo, contava que, nessa época, "muitas pessoas ao ouvirem-nos tocar diziam Ah, isso aí não é música cabo-verdiana, é caribenha".

Mas essas críticas não foram suficientes para fazê-los desistir, e a "resistência cultural" veio a revelar-se acertada, pois várias foram as composições gravadas pelo Cabo

Verde Show que se transformaram em verdadeiros "hinos" entre a chamada jovem cabo-verdiana tanto em solo nacional como na diáspora, em que o Senegal, Holanda, França e Portugal figuravam no topo da tabela. Quem não se recorda de "Milena" ou "Teteia"?

Resistindo a saídas de vários elementos, entre ele Boy Gé Mendes, e adaptando-se a novas entradas ao longo dos anos, o conjunto Cabo Verde Show entrou numa fase de low profile no final da década de 80. Só reapareceria em força em 1996, com o disco "Santa Catarina".

Em 2001, de visita a Cabo Verde para participar no Festival de Santa Maria, o grupo anunciou a gravação de um novo CD. Mas, enquanto este não chega, os fãs e aqueles que querem recordar os anos 80 da música cabo-verdiana, podem escutar este Best of Cabo Verde Show.

Teresa Sofia Fortes



Música

## D. Lopes revela "The Bright Darkness"



Depois de Tó Cruz, a Mendes Brothers Records aposta em mais um jovem cantor de origem cabo-verdiana. Desta vez, Ramiro e João Mendes produzem o disco do rapper caboverdiano-americano D. Lopes, "The Bright Darkness". Este cabo-verdiano descendente auto-retrata-se como "um rapper de elite que faz música que as pessoas conseguem sentir".

Nascido em Chelsea, Massachusetts, de pais cabo-verdianos, D. Lopes despertou para a música ainda na infância, quando integrou o coro da sua escola primária, em Brockton. Ao entrar para o liceu, enveredou pelo freestyle com um grupo de amigos, e com 16 anos criou com o DJ Backspin a K. S. Entertainment. Esta era uma pequena empresa de entretenimento, especializada em serviços de disc-jockey para festas de todo o tipo, desde as familiares incluindo a famosa baby-shower,

para apresentar um bebé que vai nascer passando ainda pelas animações em escolas secundárias e universitárias até às badaladas noites em clubes e pubs.

Aos 20 anos D. Lopes começa a aventurar-se pelo mundo dos versos. "Escrever era uma forma de encontrar uma saída para o stress na minha vida: escola, namoradas, dinheiro, etc", declara o rapper que, em 2000, lança o seu primeiro CD. E então a música "Die for these words", uma das cinco faixas do disco, rodou sem parar, dia e noite nas rádios de Boston e despertou interesse de outros estados e países, a ponto de D. Lopes ser convidado para actuar não só em Ohio, Califórnia, Atlanta, Flórida e Rhode Island, mas também em Portugal, França, Holanda e Cabo Verde.

Agora, em parceria com J. Beats, D. Lopes lança "The Bright Darkness", um dis-

co que, segundo o rapper, simboliza o tipo de música que ele faz, "intelectualmente escuro". Assim, além de temas "light", como amizade, namoro e amor, D. Lopes canta e denuncia os problemas, como as dificuldades de integração e identidade cultural, o desemprego e a violência.

Enfim, é uma alma ambivalente que procura, busca sempre. E a prová-lo, aí estão desde "My People" - faixa número 2 inspirada por uma visita a Cabo Verde -, em que D. Lopes convida os jovens afro-descendentes a uma viagem de regresso às origens para poderem conhecer-se melhor, até ao tema número 7 do disco - "Who I Am" (Quem sou eu?), com o rapper a cantar quer sobre as suas dúvidas quer sobre a sua empenhada busca de identidade cultural e social na sociedade norte-americana. TSF

## IPC ELABORA INVENTÁRIO DE MÚSICOS E COMPOSITORES

É voz comum que Cabo Verde é um país de músicos e que o nosso maior produto de exportação a música. Porém, muitas vezes não se sabe quem é quem neste sector. Para pôr cobro a esta situação, o Ministério da Cultura, através do Instituto de Promoção Cultural (IPC), vai elaborar a partir do próximo mês de Junho um inventário nacional de músicos e compositores.

"Muitas vezes, vêm pessoas aqui ao IPC pedir credencial de músico, que é necessária para a concessão de um visto de entrada em países estrangeiros, e nós trabalhamos no escuro, porque não temos uma linha orientadora sobre quem é quem na música. Por isso, decidimos apresentar um projecto de inventário à Unesco, que aceitou financiá-lo parcialmente", explica assim o presidente

do IPC, José Maria Barreto, a génese deste empreendimento.

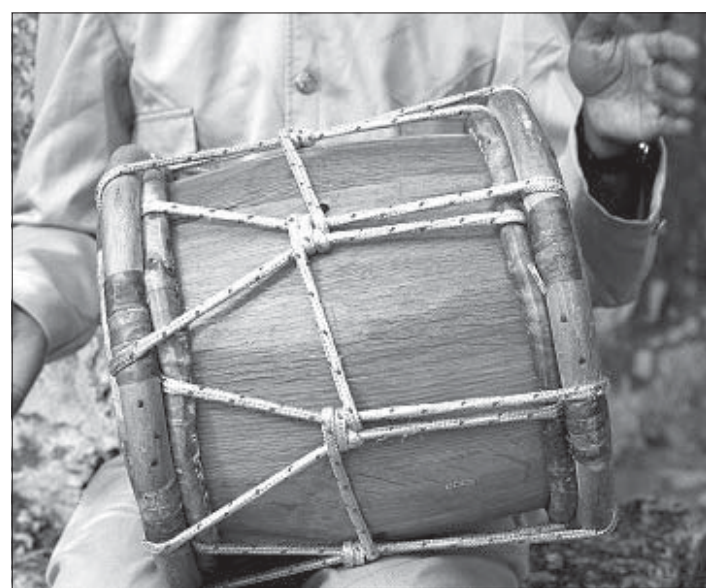
O projecto será provavelmente apresentado na próxima semana, mas o trabalho de inventariação, que será feito por uma equipa do IPC, só começará em Junho, prolongando-se por três meses. De acordo com Barreto "vão ser inventariados não só os músicos que vivem no país como os da diáspora, o que começa pela inscrição dos músicos. Para alcançar esse objectivo, vamos contar com a colaboração das câmaras municipais e dos serviços consulares de Cabo Verde no exterior".

Na segunda fase do projecto, que é co-financiado pelo Ministério da Cultura, será feito o registo das composições. "Concluído o trabalho de registo dos músicos e compositores, criaremos uma base de dados que

poderá ser consultada nas instalações do IPC, Palácio da Cultura e, posteriormente, na internet", afirma José Maria Barreto, confiante de que com esse documento "será mais fácil determinar que género cada artista toca, se já gravou discos ou não e, conseqüentemente, se precisa ou não de apoio".

O inventário de músicos e compositores é um dos três projectos de registo de artistas nacionais que o IPC tem na forja. Os outros dois são destinados aos artesãos e artistas plásticos. Segundo o presidente do IPC, "os três projectos foram apresentados à Unesco que se disponibilizou a financiar, por enquanto, apenas um deles. Escolhemos o inventário de músicos e compositores porque são em maior número".

Teresa Sofia Fortes





## KRIOLIDADI

# ESCOLA DE MÚSICA é esperança mesmo sem maré

Inaugurado em Novembro passado, o Conservatório Musical SAMTE, do músico e maestro brasileiro Samuel Silva, começa a virar um caso de sucesso na ilha do Sal, pois conta já com 116 alunos inscritos e a frequentar as aulas, alguns deles músicos com longa prática. Mas Mucca D'André, como é conhecido no meio musical brasileiro, que vive em Cabo Verde desde Abril do ano passado, reclama o apoio de instituições, que "até agora não veio".

"Desde 25 de Novembro, quando inaugurei a escola, nunca recebi aqui a visita do presidente da Câmara Municipal ou de outro representante institucional, a não ser do vereador da Cultura, Nelson Évora, mesmo assim, na condição de amigo", começa por dizer o entrevistado de **Kriolidadi**.

Aliás, foi por falta de apoio que o projecto de Samuel Silva, Samuca para os amigos, inicialmente mais ambicioso, de abrir uma escola de maior envergadura, a "Universidade Livre de Música", não vingou. "A adesão inicial da CM foi fantástica, mas depois, por motivos, acho eu, financeiros, o projecto ficou travado. É que eles precisavam também do apoio que não veio, não sei se por razões político-partidárias, enfim"... refere.

Diante do percalço inicial, Samuel Silva diz que tinha algumas opções. Uma era voltar para o Brasil - onde tem dois conservatórios, um em Curitiba no Paraná e outro em Santo André, São Paulo. Outra opção era ir para o Canadá ou outros países onde tinha convites para trabalhar. "Mas optei por ficar, porque sinto que sou mais necessário aqui. Por isso, não entendo como é que as instituições e empresas não ajudam. Escrevi várias cartas e nem sequer se deram ao trabalho de me responder. O ministro da Cultura, Manuel Ve-



ga, até me ligou na época da inauguração, me parabenizando pela iniciativa e se disponibilizou a ajudar e vir cá para uma visita... Continuo à espera...", salienta.

Embora Mucca D'André já pense em chegar aos 160 alunos ainda este ano, 116 é o número actual de inscritos. Samuel Silva diz que vai dando para o sustento. "Eu faço isso como uma missão musical, porque em qualquer negócio, para ser rentável, tenho que contar com 10 por cento do mercado", o que daria nesse caso 1600 alunos, aproximadamente.

E enquanto não é possível fazer mais, Samuca vai levando o seu conservatório em frente, sozinho, com aulas no período de manhã até à noite, ensinando vários instrumentos, desde a guitarra à percussão. As aulas vão do clássico ao erudito, com a vertente popular, esta

última para pessoas que não têm tanto compromisso com a música, que querem apenas aprender a tocar. Para os profissionais, recomenda-se os cursos clássicos, com opções de três a sete anos.

"Quero dar o meu contributo para que a musicalidade do cabo-verdiano se torne ainda maior com a alfabetização musical, dotando-os dos instrumentos e conhecimentos teóricos e técnicos", diz Samuca e remata: "Quero ajudar a acabar com o estigma de que basta saber ler música para ser-se músico. Quem sabe ler inglês, não é considerado um formado em letras só por isso, é a mesma coisa com a música".

E, entre os músicos que estão a tirar proveito dos conhecimentos de Samuel Silva, encontramos gente experiente como a cantora profes-

sional Rosa Mestre, que já prepara o seu segundo álbum. "As aulas dele são muito boas. Eu entrei lá porque sabia que tinha que aprender mais. Essas coisas todas do controlo da respiração, etc., a gente sabe, mas não desenvolvia como deveria. E com a orientação dele, é óptimo".

Para Rosa, o conservatório oferece uma chance única para as pessoas, que, caso contrário, teriam que ir para o estrangeiro estudar música, pesando assim o aspecto financeiro. "Conheço pouco o Samuel como pessoa, mas é um óptimo professor, com uma paciência e disposição para ensinar enormes", enfatiza Rosa Mestre.

O "mestre", com perdão do trocadilho, devolve os elogios: "Rosa é já uma cantora experiente, tem uma voz poderosa, mas ela de facto evoluiu ainda mais com as aulas".

Opinião parecida à de Rosa Mestre tem Isabel, portuguesa a viver há cinco anos em Cabo Verde e que faz aula de guitarra popular, depois já ter tido aulas básicas, em Portugal, de guitarra clássica. "Era uma coisa que fazia falta aqui no Sal e veio a cobrir uma lacuna que existia, que era a formação", considera.

Animado, Samuca destaca alguns alunos que, segundo ele, serão grandes revelações. Entre esses está uma menina de apenas oito anos, que estuda piano. Em poucos meses de aula, ela já toca o brasileirozinho. "É um prodígio", garante o professor.

Paulino Vieira e Sandro, dois jovens de 20 e 19 anos, respectivamente, são também mencionados como guitarristas de grandes talentos e "há também uma portuguesa, Maria de Lurdes, que canta maravilhosamente bem, principalmente o fado. Fixem bem o nome deles" aconselha Samuca.

KS



## Lixo inspira peça do TIM

O Teatro Infantil do Mindelo está a montar uma nova peça de teatro infantil, que tem estreia oficial agendada para 16 de Junho, Dia da Criança Africana. Criação colectiva dos elementos do TIM, a partir de uma ideia de Belen Callone, actriz argentina também ela membro deste grupo teatral, "A Invasão do Lixo" é uma peça que trata em jeito de fábula os problemas ambientais que Cabo Verde enfrenta.

Depois de "A História de Bulimundo", "O que os olhos não vêem" e "Kel Menina Vaidosa", o TIM, formado por actores e técnicos de outros grupos de teatro do Mindelo que apostam na recuperação e adaptação de contos tradicionais ao teatro e obras originais, prepara-se para levar ao palco uma peça teatral cujas personagens têm nomes tão exóticos que não deixam dúvidas sobre o enredo.

A história, que tem direcção artística de Belen Callone e Elisabete Gonçalves, é vivida pela Sra. Lixo, que é convencida de que o Sr. Vento é seu apaixonado, pelo Rapaz, herói

da fábula, pelo Contendor, pela menina Flor, Dona Acácia e Dona Cabra e pelo Polvo. Tudo começa quando uma onda de lixo invade a Ilha de São Vicente, um fenómeno que ninguém compreende, nem sabe o porquê e muito menos como combater.

Os habitantes estão literalmente afogados, inundados e impotentes perante a amplitude da invasão do Lixo. Mindelo é uma cidade sitiada e ninguém consegue sair de casa perante tanto 'lixo voador'. "Num dos bairros da cidade vivia um rapaz irrequieto e corajoso que, cansado de tanto ser acantonado em casa, decide sair à procura de solução para o mal da Ilha. Queria saber quem seria o culpado de toda a desgraça que se abateu sobre a cidade e a Ilha, ir às origens, à procura de soluções", lê-se na sinopse da peça.

O lixo não é entretanto um tema abstracto nesta peça. Além do discurso das personagens, o lixo estará presente

também no cenário. "Estamos a aproveitar lixo para construir o cenário e os figurinos, desde latas, plásticos, papel, cartão, etc. Até consultamos uma socióloga que trabalha na área de reciclagem para elucidar-nos melhor sobre o tema. E, realmente, aprendemos muito com ela - por exemplo, já sabemos distinguir entre reciclar, re-utilizar e re-aproveitar", afirma Belen Callone, preocupada em tornar bem real o assunto lixo.

E, apesar do TIM ser um grupo de teatro infantil, Elisabete Gonçalves, que também assina a cenografia, alega que "A Invasão do Lixo" não é uma peça só para crianças. "Não queremos fazer uma peça do estilo 'as crianças não devem deitar lixo no chão'. Pretendemos sensibilizar todas as pessoas, crianças e adultos para a necessidade de ter consciência do papel que todos nós desempenhamos nesta luta pela conservação do ambiente".

Teresa Sofia Fortes



ÁFRICA DOC

# Uma oportunidade de ouro para o documentário cabo-verdiano

O realizador chileno Patrizio Guzman disse um dia, com razão, que um país sem documentários é como uma família sem álbum de fotografias. Deste ponto de vista, Cabo Verde é uma família sem álbum de fotografias, mas graças ao programa África Doc está a pres-tes a conseguir isso. Este é um programa de formação na área do documentário que está a promover condições de realização e produção a cerca de 10 jovens realizadores cabo-verdianos. Uma porta aberta desde o ano passado, quando esse programa de formação francófono passou a beneficiar também os países africanos de língua oficial portuguesa.

De acordo com Tambla, da Associação Fou-Naná, entidade que acolhe o *Africa Doc* em Cabo Verde e um dos beneficiados do programa no ano passado, "a edição de 2005, que terminou no dia 7 deste mês, na ilha de Gorée, no Senegal, correu muito bem. Os projectos apresentados pelos cabo-verdianos, e não só, estão a avançar mais rápido do que os de 2004".

Tambla, por exemplo, que concebeu um documentário sobre as rabidantes cabo-verdianas, diz que já tem uma produtora, a Laranja Azul - a mesma que filmou os documentários "Mais Alma" e "O Arquitecto e a



TAMBLA, REALIZADOR DE DOCUMENTÁRIOS

Cidade" -, mas "ainda não consegui financiamento". Situação esta vivida por outros três realizadores. O único que já está a filmar é Júlio Silvão Tavares, autor do documentário "Batuque - L'âme du peuple".

O jovem realizador cabo-verdiano, que escolheu filmar as rabidantes porque "têm um papel na sociedade cabo-verdiana que é muito

mais intenso do que os nossos olhos conseguem ver", está entretanto satisfeito com opção que tomou de concorrer ao *Africa Doc*. "Dentre tantas coisas boas que ganhei, destaco o facto de hoje estar ligado a uma rede internacional de cinema documental que tem uma perspectiva africana".

Uma conexão importante, conforme Tambla, pois "ainda não temos uma política nacional dirigida ao sector de audiovisuais". Apela por isso às empresas nacionais, públicas e privadas, no sentido de "apostarem no financiamento de projectos cinematográficos. Qualquer apoio será válido, porque temos falta de tudo".

A aliança com a rede de cinema documental é também necessária, na perspectiva de Tambla, por permitir aos realizadores "apurarem suas capacidades". "O realizador de documentário tem que ser verdadeiro consigo próprio e honesto com o assunto ou a pessoa que vai filmar. Ainda não conseguimos aqui em Cabo Verde estabelecer essa relação de confiança", diz Tambla.

Quando se conseguir isso, afiança o realizador, "vamos começar a construir um documentário cabo-verdiano. Só poderemos falar de documentário cabo-verdiano quando os cabo-verdianos, ao assistirem a documentários sobre temas nacionais se identificarem com eles".

Teresa Sofia Fortes

FESTIVAL MINDELACT



## ORGANIZAÇÃO PROMETE FESTA DE ARROMBA

A grande festa do teatro, o Festival Internacional do Mindelo - Mindelact 2005, já tem data - 7 a 18 de Setembro - e programação "praticamente delineada", conforme João Branco. O presidente da Associação Mindelact não revela ainda os cabeças-de-cartaz "por uma questão de marketing", segundo diz, mas avança que o evento contará com a presença garantida de companhias de teatro de sete países e estará "repleto de surpresas". Será "o maior festival de sempre", garante Branco.

Cabo Verde ver-se-á representado no Mindelact 2005 por diversos grupos, dentre eles a Companhia Solaris e o Atelier Teatrakrácia, que vão-se juntar em co-produção para a montagem da peça "Sonho de uma Noite de Verão", do dramaturgo inglês William Shakespeare, e o Grupo de Teatro do Centro Cultural Português / Instituto Camões, que estreará a sua 36ª Produção Teatral baseada numa obra do dramaturgo brasileiro Ariano Suassuna, "Auto da Compadecida".

Garantida está também a presença de um grupo da Capital. De acordo com Branco, uma comissão local especificamente convidada para o efeito pela Associação Mindelact escolherá o grupo representante da Praia no Mindelact 2005. Uma decisão que a comissão deverá apresentar até Junho depois de acompanhar o trabalho dos grupos da capital. Nas outras ilhas, o processo também ainda está a decorrer, sendo certo que a grande maioria estará representada, como vem acontecendo nas últimas edições do evento, no Festival Off", explica o presidente da Mindelact.

No que diz respeito à participação de companhias internacionais, "as coisas estão mais do que decididas, acertadas e confirmadas", segundo João Branco. Pelo menos seis países já confirmaram a sua presença. Levantando um pouco o véu, Branco revela que "Portugal e Brasil marcam presença com duas companhias cada, e França, Espanha, Moçambique e Guiné-Bissau já confirmaram a sua vinda ao Mindelo, com espectáculos de alto nível e, que no seu conjunto, se destacam pela diversidade de propostas estéticas e artísticas, assim como das temáticas abordadas". E ainda há a possibilidade da participação da República Checa.

A organização do Mindelact 2005 promete entretanto que este será o maior festival de sempre, numa homenagem aos 30 anos da independência de Cabo Verde, no próximo dia 5 de Julho.

TSF

Música

# CINEMA



## Éden Park - MINDELO

### "Brigada 49"

Sob o olhar atento do chefe Mike Kennedy, seu mentor, o bombeiro novato Jack Morrison vai amadurecendo, até se tornar num bom bombeiro veterano de um quartel de Baltimore. Mas Jack está agora numa encruzilhada, pois todos os sacrifícios feitos até então colocam-no numa situação complicada em relação à sua mulher e aos seus filhos.

### Cineclube

No final da tarde de domingo, às 19 horas, o Kafuka Cineclube convida-nos para "Uma Noite de Ópera". Um filme hilariante de Sam Wood onde se inscrevem os cinco minutos mais cómicos do cinema. Na terça-feira, às 19h30, os amantes da sétima arte darão um salto no tempo até "2046". Este filme futurista de Wong Kar-Wai reflecte a (i)mu-tabilidade da vida.



CCF, 25 de Maio, 20h30

### "Monsieur Batignole"

Realizado por Gérard Jugnot, esta comédia-dramática decorre em Paris, Julho de 1943, quando Edmond Batignole, um homem comum, açougueiro de profissão, é vítima da sua cobardia e se deixa cair nas redes da infâmia.

